



NARRATIVAS DA CRISE: REPRESENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 EM VÍDEOS JORNALÍSTICOS NO YOUTUBE

Rafaela Montes Renosto POLITO¹;
Rafaela Silva RABELO²;

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica vinculada ao projeto guarda-chuva “Educação e Pandemias (séculos XX e XXI): um estudo a partir de acervos on-line e fontes digitais” (DIRPE/PSFE N° 044/2022), em colaboração com o website *Education and Pandemics Archive*.³

A pandemia de COVID-19 provocou uma série de impactos na vida em sociedade, e a educação foi uma das áreas mais diretamente afetadas. A suspensão das aulas presenciais e a adoção emergencial do ensino remoto escancararam desigualdades já existentes, colocaram em evidência a precarização das políticas educacionais e impuseram desafios a professores e alunos frente às alterações do cotidiano escolar no contexto educacional brasileiro.

Em contextos de crise como esse, a mídia atua diretamente na produção de sentidos sobre o cenário em curso, incluindo, de forma particular, as representações em torno da educação. Ao mediar informações, opiniões e disputas simbólicas, os meios de comunicação participam ativamente da produção de memória e da disputa por interpretações legítimas do presente e têm desempenhado um importante papel enquanto fontes para a História da Educação. Por isso, esta pesquisa busca compreender: Como a educação foi representada durante a pandemia nos discursos veiculados por canais jornalísticos no YouTube? Quais temas, sujeitos e narrativas foram destacados? Que sentidos foram fixados ou disputados a partir dessas representações?

Para investigar essas questões, partimos do uso de fontes digitais e da compreensão de que o ambiente online tem um impacto direto na forma como produzimos e compartilhamos conhecimentos históricos. Estamos atravessando a chamada “era digital”, marcada pela

¹ Graduanda em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, rafaela.polito@ufu.br.

² Doutora em Educação, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU), rafaela.rabelo@ufu.br.

³ Disponível em <<https://www.ische.org/education-and-pandemics-archive/#/>> Acesso em: 29 set. 2025.





crecente desmaterialização dos objetos e pela substituição de suportes físicos por plataformas digitais (Prado, 2021). Esse cenário desafia a História enquanto disciplina, exigindo que historiadores explorem novas fontes, formulem problemáticas inéditas, ajustem metodologias e ampliem seu campo de atuação, dando forma ao que se tem chamado de História Digital.

É nesse sentido que tomamos o YouTube como objeto e fonte para pensar uma História Digital da Educação. Considerando suas características de hipertextualidade, interatividade e multimidialidade (Prado, 2021), analisamos produções dos canais Jornalismo TV Cultura e Jovem Pan News, buscando compreender como os discursos sobre educação foram performados e mediados nas redes digitais durante o contexto pandêmico.

A partir da análise de material audiovisual, buscamos refletir sobre os sentidos construídos midiaticamente em torno da crise educacional, contribuindo para pensar as disputas simbólicas que atravessaram (e ainda atravessam) a memória coletiva da pandemia.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve como fontes os canais do YouTube Jornalismo TV Cultura e Jovem Pan News, selecionados, principalmente, pela diversidade editorial e institucional: a TV Cultura, vinculada a uma emissora pública de caráter educativo, e a Jovem Pan News, ligada a uma rede privada de perfil comercial. Essa composição possibilita observar diferentes perspectivas de cobertura jornalística sobre a educação durante a pandemia de Covid-19.

Para realizar a coleta de dados, foi utilizado o Data Scraper, extensão de navegador que identifica e organiza elementos estruturados em páginas da web, permitindo a exportação de informações como títulos, links, datas, descrições e metadados em formato de planilha. O procedimento de raspagem dos canais do YouTube foi realizado a partir do filtro de busca “Before:2022 educação pandemia”, de modo a delimitar o recorte temporal entre o início da circulação da Covid-19 no Brasil, em 2020, e o final de 2021.

Após a raspagem, os dados foram organizados em uma planilha no Excel, na qual foram registradas as seguintes informações: data de publicação, link, título, duração, número de visualizações, quadro (ou seja, o programa jornalístico em que a matéria foi exibida), tema, palavras-chave, resumo, descrição da imagem, impressões pessoais e imagens relevantes. A partir dessa tabela, realizou-se a quantificação preliminar do material, com destaque para a frequência de temas e palavras-chave, que constituem o eixo orientador da análise qualitativa.

Com base nesse processo, as notícias foram classificadas em seis grandes temas: desigualdade, aprendizagem, dinâmica escolar, gestão, saúde e outros. Para cada tema, foram





associadas palavras-chave que auxiliaram na caracterização dos conteúdos, facilitando a análise comparativa. Como mostra o quadro:

Quadro 1 - Categorização

Tema	Palavras-chave
Desigualdade	acesso, exclusão digital, evasão, infraestrutura escolar
Aprendizagem	defasagem, qualidade, desempenho, ENEM, currículo, vestibular, reforço
Gestão	governo federal, estados e municípios, governo de São Paulo, políticas públicas, medidas governamentais, financiamento, gestão institucional
Dinâmica escolar	ensino remoto, ensino presencial, ensino híbrido, organização escolar, calendário, ensino público, ensino privado, ensino domiciliar, trabalho docente, ensino superior, pesquisa
Saúde	vacina, testagem, protocolos, contágio, segurança sanitária, saúde mental
Outros	—

Essa categorização possibilitou a construção de gráficos que evidenciam a recorrência de determinados temas e palavras-chave, permitindo observar quais pautas foram mais enfatizadas e como se estruturaram as representações sobre educação no contexto da pandemia.

A categorização e a quantificação dos dados permitiram estabelecer uma base empírica sólida para a análise qualitativa. A identificação das recorrências temáticas e das palavras-chave mais frequentes forneceu indicadores sobre quais assuntos receberam maior atenção nos canais, apontando tendências de cobertura e prioridades editoriais. Esse cruzamento entre volume e conteúdo torna possível compreender como determinados temas foram reiterados, quais foram secundarizados e de que maneira os enquadramentos jornalísticos se configuraram ao longo do período.

3. RESULTADOS PARCIAIS: JORNALISMO TV CULTURA

A TV Cultura, em sua trajetória inicial entre 1960 e 1974, exemplifica a complexa relação entre o campo televisivo e a educação no Brasil. Originalmente criada como emissora comercial por Assis Chateaubriand em 1960, ela representava os interesses de um conglomerado de comunicação com hegemonia no setor. A transição para uma emissora pública e educativa em 1967, sob a gestão da Fundação Padre Anchieta, reflete um período de





intensificação do debate sobre o papel cultural e educativo da televisão, inclusive com o apoio de iniciativas governamentais (Barros Filho, 2011).

A categorização dos vídeos foi conduzida a partir de temas recorrentes, definidos com base no assunto predominante de cada matéria. Quando o conteúdo tangenciava mais de uma categoria, manteve-se uma categoria principal e, quando necessário, rótulos complementares. O registro empregou palavras-chave padronizadas e anotações de enquadramento jornalístico, em alinhamento com o protocolo de codificação. Nos casos ambíguos, prevaleceu o critério de predominância narrativa.

Além do conteúdo narrativo, também foram considerados a data de publicação, a duração e o número de visualizações de cada vídeo. A análise incluiu a descrição das imagens e a seleção das imagens utilizadas nas reportagens, compreendidas como parte importante da construção do enquadramento midiático.

Até o momento, foram analisados 125 vídeos, e as análises concentram-se exclusivamente nos vídeos do canal Jornalismo TV Cultura, cujos conteúdos consistem em recortes de programas originalmente veiculados na televisão aberta, como o Jornal da Cultura, o Jornal da Tarde e o Opinião. Trata-se, portanto, de conteúdos reempacotados para o ambiente digital, mantendo o formato e a linguagem da TV tradicional, mas reorganizados para a circulação online.

As reportagens foram categorizadas em temas recorrentes: acesso (2), defasagem no aprendizado (2), desigualdade (6), educação brasileira (4), Enem (5), ensino remoto (7), ensino superior (8), evasão escolar (3), governo federal (5), medidas governamentais (5), qualidade da educação (5), vacina (1), volta às aulas presenciais (67) e outros (5). Entre esses, dois temas revelam com mais nitidez os enquadramentos adotados pela mídia e os sentidos produzidos sobre o campo educacional durante a crise sanitária: ensino remoto e volta às aulas presenciais.

O tema ensino remoto é abordado nas reportagens a partir de duas frentes principais: as decisões governamentais sobre o fechamento das escolas e a adaptação ao modelo remoto de ensino. Os desafios enfrentados por professores, pais e estudantes são apresentados como consequências diretas e inevitáveis da pandemia, raramente acompanhados de críticas estruturais ao sistema educacional.

Um recurso visual recorrente nas reportagens é o contraste entre imagens de estudantes da rede privada — em casa, com computadores, mesas organizadas e acesso à internet — e estudantes da rede pública em busca de conexão, muitas vezes improvisando seus estudos em espaços precários. Esse contraste, embora evidente, não é problematizado de forma crítica. O discurso jornalístico tende a naturalizar a desigualdade, tratando-a como um dado da realidade

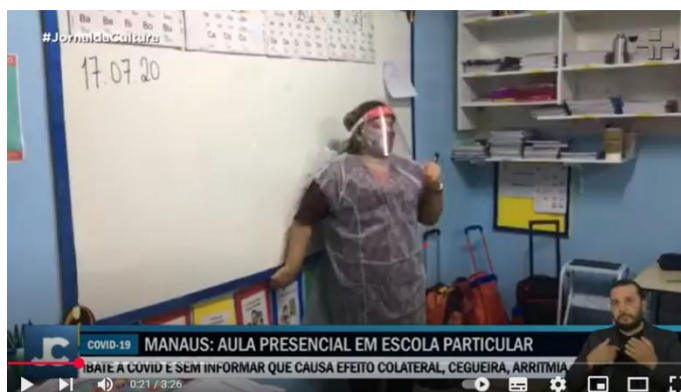




que pode ser amenizado por ações pontuais ou iniciativas individuais ao mostrar “soluções criativas e paliativas” (Macedo, 2021, p. 4) encontradas por professores, pais e alunos para se conectarem à internet. Quanto ao tema volta às aulas presenciais, é comum que as matérias incluam entrevistas e/ou comentaristas. Os mais frequentes são infectologistas, como nos vídeos “Agravamento da pandemia gera debate sobre aulas presenciais em SP”⁴, “Covid-19: Infectologista fala sobre cuidados e prevenção na volta às aulas presenciais”⁵ ou “Rosana Richtmann comenta a infecção por Covid-19 de 200 professores em volta às aulas no Amazonas”⁶. Também são frequentes os comentários de representantes de ONGs e fundações, como Todos Pela Educação e Fundação Lemann, a exemplo do vídeo “Pais, alunos e especialistas respondem: vale a pena a volta às aulas presenciais?”⁷. As vozes de professores, pais e alunos também aparecem com frequência, assim como representantes do governo federal à época.

Muitos dos vídeos abordam a dúvida sobre a reabertura das escolas e os critérios que deveriam orientar esse retorno. Após a reabertura das instituições para atividades presenciais, o questionamento passa a ser sobre a manutenção dessas aulas. De modo geral, as matérias e entrevistas reforçam a narrativa de que a reabertura das instituições de ensino deveria ser prioridade. Também são comuns os debates sobre desigualdades e protocolos de segurança.

Figura 1 – Cidades e estados começam a retomar ou planejar o retorno das aulas



Fonte: Jornalismo TV Cultura

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CWPpfRxxvURA&ab_channel=JornalismoTVCultura> Acesso em: 29 set. 2025.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XjiOy9cZM14&ab_channel=JornalismoTVCultura> Acesso em: 29 set. 2025.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8NbejnCjFkw>> Acesso em: 29 set. 2025.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qLeEq4GHi1g&ab_channel=JornalismoTVCultura> Acesso em: 29 set. 2025.





Quanto às imagens, predominam os takes de salas de aula vazias, de profissionais seguindo os protocolos de segurança (figura 1) e de elementos como álcool em gel, medidores de temperatura e máscaras. Essa visualidade remete às discussões e práticas associadas ao movimento higienista no Brasil, que, desde o final do século XIX, buscou transformar a escola em um espaço promotor de saúde e disciplinador do corpo (Lima; Pontes, 2009).

As medidas governamentais, especialmente aquelas implementadas pelo governo do estado de São Paulo, também aparecem com frequência nas reportagens analisadas. O discurso jornalístico adota, em geral, uma postura descritiva e legitimadora dessas ações, como a transmissão de aulas pela TV aberta ou a criação de um aplicativo que isenta os alunos de custos com internet. Tais iniciativas são apresentadas como tentativas de mitigar os efeitos da desigualdade educacional. No entanto, em nenhum momento são discutidas as origens históricas dessas desigualdades, tampouco se questiona a insuficiência ou a implementação tardia das políticas. A desigualdade é tratada, assim, como algo a ser administrado, e não como uma condição estrutural a ser enfrentada com profundidade.

Outros temas com menor recorrência reforçam a percepção de que a pandemia agravou problemas já existentes na educação brasileira. A cobertura evidencia a piora dos índices de aprendizagem, o aumento das disparidades no acesso às ferramentas digitais e os riscos de abandono escolar. No entanto, a abordagem tende a focar nas consequências desses problemas, sem aprofundar suas causas, o que contribui para uma representação fragmentada dos desafios educacionais, carente de historicidade e de articulação com políticas públicas estruturantes.

Dessa forma, a análise das reportagens do canal Jornalismo TV Cultura revela como a cobertura midiática da educação durante a pandemia de Covid-19 foi marcada por abordagens que priorizam a descrição dos efeitos imediatos da crise, sem, no entanto, aprofundar suas causas estruturais. Embora a TV Cultura se defina como uma emissora pública com finalidades educativas e compromisso com o direito à informação, sua cobertura tende a reforçar uma narrativa que naturaliza as desigualdades educacionais, tratando-as como obstáculos a serem administrados pontualmente e não como questões históricas e políticas a serem enfrentadas em sua complexidade. Ao reempacotar os conteúdos televisivos para o ambiente digital sem romper com a linguagem tradicional da TV, as reportagens mantêm uma lógica de informação centrada em especialistas e autoridades, com pouca problematização crítica e escassa articulação com propostas de transformação estrutural. A análise dos vídeos permite, assim, refletir sobre os limites e potências do jornalismo televisivo no contexto de uma crise sanitária, social e educacional sem precedentes.





4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID-19 impôs à sociedade brasileira uma série de desafios que atravessaram diversos campos da vida social, entre eles, de forma contundente, a educação. Ao deslocar as atividades escolares para o ambiente remoto e intensificar desigualdades já existentes, o contexto pandêmico tornou-se também um campo de disputa simbólica em torno dos sentidos da escola, do ensino e das políticas educacionais. A análise da cobertura jornalística no canal Jornalismo TV Cultura, veiculada no YouTube, permitiu compreender como parte dessa disputa foi mediada e performada pela mídia digital.

Ainda que a TV Cultura se proponha como uma emissora pública de caráter educativo, sua atuação durante a pandemia, ao menos no que diz respeito à cobertura sobre educação, revelou limites importantes. Ao adotar uma linguagem predominantemente descritiva e centrada em especialistas, a emissora reforçou certos consensos sociais como a inevitabilidade do ensino remoto e a urgência do retorno às aulas presenciais sem, no entanto, problematizar criticamente as causas estruturais da crise educacional ou suas implicações políticas mais amplas.

O esvaziamento das salas de aula, as carteiras isoladas e a ausência do burburinho estudantil foram as primeiras imagens marcantes. Essa desocupação dos espaços físicos tradicionais da escola, antes tão centrais para a sociabilidade e o aprendizado presencial, forçou a migração para um ambiente digital, onde novos elementos materiais passaram a mediar a relação pedagógica. Máscaras, álcool em gel, medidores de temperatura e, sobretudo, dispositivos eletrônicos como smartphones, tablets e computadores, bem como a própria conectividade à internet, tornaram-se os novos constituintes visíveis dessa cultura material escolar (Vidal, 2009) reconfigurada.

As reportagens analisadas demonstram como a desigualdade social foi representada, sobretudo, como um dado da realidade a ser gerido por meio de medidas emergenciais e ações paliativas. A ausência de um olhar histórico e estrutural sobre os problemas educacionais contribuiu para a construção de uma narrativa que, embora reconheça os impactos da pandemia, tende a naturalizar os seus efeitos e a esvaziar a crítica às políticas públicas. Essa abordagem, ao priorizar a performance institucional de autoridades e especialistas, acaba por marginalizar as vozes dos sujeitos diretamente afetados (professores, alunos e famílias) enquanto agentes críticos da experiência educacional.

No ambiente digital do YouTube, essas representações ganham novas camadas de sentido. A plataforma, ao mesmo tempo arquivo e produtor de memória, organiza os conteúdos de forma algorítmica, influenciando o que se vê, como se vê e o que se lembra. Com isso, os





sentidos sobre a pandemia e a educação que ganham visibilidade são moldados por critérios técnicos e comerciais, que afetam a própria forma de fazer história e de construir memória coletiva.

Nesse cenário, torna-se fundamental reconhecer o papel dos meios digitais na produção de sentidos sobre o presente e o passado recente. A História Digital da Educação, ao se debruçar sobre fontes como vídeos do YouTube, não apenas amplia o escopo empírico da pesquisa histórica, como também exige novas competências teóricas e metodológicas para lidar com fontes multimídiais, hipertextuais e performáticas. Mais do que analisar o conteúdo das reportagens, é preciso compreender as condições de produção, circulação e recepção desses discursos, bem como os dispositivos técnicos e simbólicos que estruturam suas narrativas.

5. AGRADECIMENTOS/ AGÊNCIA DE FOMENTO

O estudo contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na forma de bolsa de Iniciação Científica (Edital DIRPE Nº 1/2024 PIBIC)

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, Eduardo Amando de. **Por uma televisão cultural-educativa e pública: A TV Cultura de São Paulo, 1960-1974.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LIMA, Ana Laura Godinho; PONTES, Jenifer Pereira de Oliveira. Arquitetura moderna para uma escola higiênica: um estudo a partir de manuais de higiene escolar. **Seminário Docomomo Brasil: Anais**, v. 8, p. 1-14, 2009. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/050-1.pdf>. Acesso em: 03 jul. de 2025.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p.262-280, 2021.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. e0201, 2021.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem fronteiras**, v. 9, n.1, p. 25-41, 2009.

